

III ENCONTRO DA SOBRAMES-Regional Pará
(Belém, Novembro de 2010)

SONETOS FAMOSOS DA LINGUA PORTUGUESA
- Uma breve análise -

Esta breve exposição sobre o soneto obedecerá aos seguintes itens:

1. O soneto: conceituação e origem
2. Sonetos de poetas brasileiros
3. Sonetos de poetas portugueses

1. O Soneto: conceituação e origem

O soneto é uma composição poética constituída de dois quartetos e dois tercetos, num total de quatorze versos. Verso é cada uma das linhas de uma estrofe. Estrofe é um conjunto de versos. A palavra verso provém do verbo latino “vértere”, que significa retornar, voltar, porque, esgotado determinado número de sílabas, recomeça.

Segundo o filólogo português ADOLFO COELHO, a palavra **soneto** procede do italiano **sonetto** (= pequeno som). Já outros enxergam a origem etimológica do vocábulo no francês “sonnet”, que possui idêntica significação. Os poetas franceses e provençais cultivavam essa composição já no século XIII e empregavam o termo com o sentido de “cançozinha” ou “cançoneta”, cuja recitação ou cujo canto era feito ao acompanhamento de instrumento musical.

Quarteto é outro vocábulo de procedência italiana: “quartetto” – e significava um conjunto de quatro versos, comumente de dez sílabas. Reserva-se o nome de “quadra” ao quarteto onde não vão os versos além de sete sílabas, que chamaram os antigos de “redondilha menor”.

Terceto, também do italiano –“terzetto”- é uma estrofe de três versos.

Tem-se procurado na Itália medieval a origem dessa composição poética, ainda hoje em voga em todos os países.

Atribuem a sua invenção a poetas sicilianos do século XIII, nomeando-se entre os seus inventores PIER DELLE VIGNE (1197-1249) e GIACOMO LENTINI (ou IACOPO DA LENTINO) (aprox. 1230). Fazem-no outros remontar à época dos trovadores franceses e dão-no como introduzido na poética por GIRARD DE BOURNEIL, que também viveu no século XIII.

PETRARCA (1304-1374), em pleno fulgor do Renascimento, comprazia-se em compor formosíssimos sonetos. Cultivaram-no, com perfeição e gosto artístico, todos os grandes gênios e poetas da época: PETRARCA e DANTE (1265-1321), na Itália; JOACHIN DU BELLAY (1525-1560), na França; SHAKESPEARE (1564-1616) e MILTON (1608-1674), na Inglaterra; o MARQUES DE SANTILLANA (1398-1458), CERVANTES (1547-1616) e GARCILASO (1503-1568), na Espanha. SÁ DE MIRANDA (1495-1558) o introduziu em Portugal, onde CAMÕES (1524-1580), DOM FRANCISCO MANUEL (1608-1666) e BOCAGE (1765-1805) o elevaram às culminâncias do seu gênio.

Desacreditado pelo mau gosto dos árcades, foi quase proscrito pelos Românticos. Reabilitaram-no os Parnasianos, tornando-o a mais bela e mais agradável forma de poesia.

O Classicismo estabelecia marcos aquém ou além dos quais não era lícito ficar – doutrinara o poeta latino HORÁCIO (65-8 a.C.) abrindo o seu livro de Sátiras.

Sujeitava-se o soneto a cânones severos. Devia encerrar “um pensamento de ouro num cárcere de aço”. Malgrado isso, inúmeras composições dessa época (séculos XVI, XVII e XVIII) se tornaram imorredouras.

O verso ou metro então preferido era o decassílabo (=de dez sílabas), apelidado pelos antigos de “redondilha maior”. As sílabas deveriam ser “graves”. A disposição das rimas obedecia, em princípio, ao seguinte esquema:

Nos quartetos	$\left\{ \begin{array}{l} \text{ABBA} \\ \text{ABBA} \end{array} \right.$	ou	$\left\{ \begin{array}{l} \text{ABAB} \\ \text{ABAB} \end{array} \right.$
Nos tercetos	$\left\{ \begin{array}{l} \text{CDC} \\ \text{DCD} \end{array} \right.$	ou	$\left\{ \begin{array}{l} \text{CDE} \\ \text{DCE} \end{array} \right.$ ou $\left\{ \begin{array}{l} \text{CDE} \\ \text{CDE} \end{array} \right.$

Sirva de exemplo o soneto camoniano “ ALMA MINHA GENTIL...”

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo desta vida, descontente,
Repousa lá no céu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento etéreo, onde subiste,
Memória desta vida se consente,
Não te esqueças daquele amor ardente
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E, se vires que pode merecer-te
Alguma cousa a dor que me ficou
Da mágoa, sem remédio, de perder-te.

Roga a Deus, que teus anos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te
Quão cedo de meus olhos te levou.

Reduzindo:

Aiste (partiste)
Bente (descontente)
Bente (eternamente)
Aiste (triste)

Aiste (subiste)
Bente (consente)
Bente (ardente)
Aiste (viste)

Certe (merecer-te)
Dou (ficou)
Certe (perder-te)

- Dou (encurtou)
- Certe (ver-te)
- Dou (levou)

Nos tercetos jamais houve propriamente regras fixas quanto à disposição das rimas; predominavam todavia as formas acima apontadas.

Durante certo tempo introduziu-se o mau vezo de acrescentar-se-lhe um apêndice de dois ou três versos, como a complementar-lhe o sentido – o estrambote. Tal costume foi sendo felizmente pouco a pouco abolido, ficando como reminiscência dessa desastrosa idéia o adjetivo estrambótico, com a significação de desapropriado e esquisito.

Os poetas parnasianos despojaram o soneto das rôtas vestimentas do arcadismo e comunicaram-lhe maior autonomia e elasticidade. Graças a isso comporta ele todos os gêneros e abrange todos os metros.

Variando na disposição das rimas, conserva entretanto sempre duas semelhantes nos quartetos.

Poetas medíocres desrespeitaram essa tradição que o bom uso consagrou como regra. E os próprios quartetos e tercetos sofreram inversão.

Adapta-se o soneto à expressão de toda a gama de sentimentos. Dizia o crítico francês BOILEAU (1636-1711) que um soneto perfeito vale por si mesmo um poema.

CAMÕES e PETRARCA nele contaram os seus amores; SÁ DE MIRANDA os desenganos da vida; BOCAGE explorou-o em todos os sentidos, expressando em seus sonetos os mais variados sentimentos, numa diversidade imensa de tons: a alegria, a tristeza, a angústia, o amor, a amizade, o humor, a sátira... Foi quem com a maior perfeição soneteou em língua portuguesa.

Alguns poetas, como SHAKESPEARE, deixaram em seus sonetos a melhor e principal fonte de sua biografia.

O gosto antigo exigia para o soneto uma “chave de ouro”. Modernamente costuma-se encontrar sob o disfarce do precioso metal, o cobre e o latão dourado. Os incipientes na arte da poesia começam por ele a contar as sílabas... Foi muito profanado pela moderna geração.

“Entraça-se um dia ou outro com apuro, como o aldeão – que, aos domingos, põe a melhor roupa de ver Deus, mas, o mais das vezes, quando aparece, é maltrapilho, é vulgar. Não é mais o soneto”, - observou ALBERTO DE OLIVEIRA.

No Brasil – a reflexão é agora de OLAVO BILAC – “desde o seu início até hoje, a nossa literatura poética usou e abusou dessa forma.”

Na “Escola Mineira” foram CLÁUDIO, ALVARENGA e BASÍLIO DA GAMA, três dos seus mais ilustres representantes, que compuseram os mais belos sonetos. SÍLVIO ROMERO chega a considerar CLÁUDIO o mais perfeito sonetista da língua, tendo-o como superior ao próprio BOCAGE.

GREGÓRIO DE MATOS GUERRA, por quem se deve começar a literatura brasileira propriamente dita, compôs alguns sonetos admiráveis. Até mesmo prosadores dos mais categorizados, como o PADRE VIEIRA, entre os antigos e EUCLIDES DA CUNHA, entre os modernos, não o desdenharam. Se na França, por exemplo, o elevaram às culminâncias da perfeição, poetas como THEÓPHILE GAUTHIER (1811-1872), SAINT-BOEUVE (1804-1869), BANVILE (1823-1891), LÉCONTE (1818-1894) e principalmente HÉREDIA (1842-1905), não menos extraordinários se mostraram, no Brasil, alguns dos nossos pré-parnasianos, como LUIS GUIMARÃES, MACHADO DE ASSIS e LUIZ DELFINO. Os parnasianos deram-lhe o máximo de

perfeição, principalmente a consagrada tríade constituída por RAIMUNDO CORRÊA, OLAVO BILAC e ALBERTO DE OLIVEIRA.

Com não menor desvelo e perfeição o cultivaram os simbolistas. Leiam-se os sonetos de CRUZ E SOUSA, ALPHONSUS DE GUIMARÃES e os de AUGUSTO DOS ANJOS. Estão no mesmo caso alguns modernos, como RAUL DE LEONI, ALCEU WAMOSY e MOACIR DE ALMEIDA.

De Norte a Sul do Brasil mereceu sempre o soneto a preferência dos poetas e dos leitores. Nem há indícios de que venha ele a desaparecer com o modernismo, pois alguns de seus mais autorizados representantes, como MÁRIO DE ANDRADE, MANOEL BANDEIRA e CARLOS DRUMOND DE ANDRADE, em meio a tanta novidade que introduziram, não deixaram de sonetear, buscando, de alguma forma, imitar os antigos. E com isso vai vencendo o soneto o sétimo século de sua existência.

Em 1904, o acadêmico LAUDELINO FREIRE reuniu quinhentos dos nossos melhores sonetos, selecionados na obra dos nossos mais festejados poetas. Posteriormente, em 1932, ALBERTO DE OLIVEIRA, a quem os seus contemporâneos consagraram como “o príncipe dos poetas brasileiros”, coligiu numa antologia o que ele considerou “Os Cem Melhores Sonetos Brasileiros”.

Em 1945, EDGARD RESENDE, da Academia Fluminense de Letras, organizou nova coletânea com “Os Mais Belos Sonetos Brasileiros”. Em 1950 aparecia, do mesmo autor, “Os Cem Melhores Sonetos Brasileiros”. O critério de seleção tem sempre muito de pessoal e é, por isso, sempre discutível.

Em 1963, JOSÉ SCHIAVO publicou uma antologia denominada “Os 150 Mais Célebres Sonetos da Língua Portuguesa”, num retrospecto dos sonetos que mais comumente aparecem nas antologias, em revistas e jornais, onde foram repetidas vezes divulgados, sonetos que a crítica imparcial selecionou como das melhores composições dos seus autores ou que o fervor público especialmente distinguiu. É mais uma antologia de jóias literárias, por onde se pode aquilar e aplaudir o talento e até mesmo o gênio dos artistas do verso brasileiro.

Para encerrar estas palavras, solicito aos nobres colegas sobramistas permissão para recitar cinco sonetos de poetas brasileiros e cinco de poetas portugueses, dos 150 sonetos acima referidos.

2. Sonetos de poetas brasileiros

1) Augusto dos Anjos

VERSOS ÍNTIMOS

Vês?! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão – esta pantera –
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta vida miserável,
Mora entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
 O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
 A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa ainda pena a tua chaga,
 Apedreja essa mão vil que te afaga,
 Escarra nessa boca que te beija!

2) Maciel Monteiro

FORMOSA

Formosa, qual pincel em tela fina
 Debuxar jamais pôde, ou nunca ousara;
 Formosa, qual jamais desabrochara
 Na primavera a rosa purpurina.

Formosa, qual se a própria mão divina
 Lhe alinhara o contorno e a forma rara;
 Formosa, qual no céu jamais brilhara
 Astro gentil, estrela peregrina.

Formosa, qual se a natureza e a arte,
 Dando as mãos em seus dons, em seus lavores,
 Jamais soube imitar no todo ou parte;

Mulher celeste, oh! Anjo de primores!
 Quem pode ver-te, sem querer amar-te!
 Quem pode amar-te, sem morrer de amores!

3) Moniz Barreto

ISTO É AMOR

Ver... e do que se vê logo abrasedo
 Sentir o coração de um fogo ardente,
 De prazer um suspiro de repente
 Exalar, e após ele um ai magoado;

Aquilo que não foi inda logrado,
 Nem o será talvez, lograr na mente;
 Do rosto a cor mudar constantemente,
 Ser feliz e ser logo desgraçado.

Desejar tanto mais quão mais se prive;
 Calmar o ardor que pelas veias corre
 Já querer, já buscar que ele se ative;

O que isto é a todos nós ocorre:

- Isto é amor, e deste amor se vive!
- Isto é amor, e deste amor se morre!

4) Olavo Bilac

LINGUA PORTUGUESA

Última flor do Lácio, inulta e bela,
 És a um tempo, esplendor e sepultura:
 Ouro nativo, que na ganga impura
 A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,
 Tuba de alto clangor, lira singela,
 Que tens o trom e o silvo da procela,
 E o arrolo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
 De virgens selvas e de oceano largo!
 Amo-te ó rude e doloroso idioma.

Em que da voz materna ouvi: "meu filho"!
 E em que Camões chorou, no exílio amargo,
 O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

5) Raimundo Corrêa

MAL SECRETO

Se a cólera que espuma, a dor que mora
 N'alma, e destrói cada ilusão que nasce,
 Tudo o que punge, tudo o que devora
 O coração, no rosto se estampasse;

Se se pudesse o espírito que chora
 Ver através da máscara da face,
 Quanta gente, talvez, que inveja agora
 Nos causa, e então piedade nos causasse!

Quanta gente que ri, talvez consigo
 Guarda um atroz, recôndito inimigo,
 Como invisível chaga cancerosa!

Quanta gente que ri, talvez, existe,
 Cuja ventura única consiste
 Em parecer aos outros venturosa!

3. Sonetos de poetas portugueses

1) Manoel Maria Barbosa du Bocage

ARREPENDIMENTO

Meu ser evaporei na lida insana
 Do tropel de paixões, que me arrastava;
 Ah! cego eu cria, ah! mísero eu sonhava
 Em mim quase imortal a essência humana.

De que inúmeros sóis a mente ufana
 Existência falaz me não dourava!
 Mas eis sucumbe Natureza escrava
 Ao mal, que a vida em sua origem dana.

Prazeres, sócios meus, e meus tiranos!
 Esta alma, que sedenta em si não coube
 No abismo vos sumiu dos desenganos:

Deus, oh! Deus... Quando a morte a luz me roubre
 Ganhe um momento o que perderam anos,
 Saiba morrer o que viver não soube.

2) Luis Vaz de Camões

SONETO

Sete anos de pastor Jacó servia
 Labão, pai de Raquel, serrana bela;
 Mas não servia ao pai, servia a ela,
 Que a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
 Passava, contentando-se com vê-la;
 Porém o pai, usando de cautela,
 Em lugar de Raquel lhe deu a Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
 Assim lhe era negada a sua pastora
 Como se a não tivera merecida,

Começou a servir outros sete anos,
 Dizendo: Mais servira, se não fora
 Para tão longo amor tão curta a vida!

3) Fernando Pessoa

SÚBITA MÃO

Súbita mão de algum fantasma oculto
 Entre as dobras da noite e do meu sono
 Sacode-me e eu acordo, e no abandono
 Da noite não enxergo gesto ou vulto.

Mas um terror antigo, que insepulto
 Trago no coração, como de um trono
 Desce e se afirma meu senhor e dono
 Sem ordem, sem meneio e sem insulto.

E eu sinto a minha vida de repente
 Presa por uma corda de Inconsciente
 A qualquer mão noturna que me guia.

Sinto que sou ninguém, salvo uma sombra
 De um vulto que não vejo e que me assombra,
 E em nada existo como a treva fria.

4) Júlio Dantas

SONETO

Luz dos meus olhos! Já mal posso crer
 porque esta vida triste o não consente,
 que possa vir um dia ser contente
 quem anda tão cansado de sofrer.

Se o ser feliz está num bem- querer,
 devia ser feliz inteiramente
 quem tanto bem te quer e tanto sente
 a certeza de não te merecer.

Mas se pode guardar leda esperança
 desgraçado que sempre a viu perdida,
 ainda um bem espero por mudança:

Depois de tanta agrura padecida,
 há de cansar a dor, que tanto cansa...
 se acaso não cansar primeiro a vida.

5) Virgínia Vitorino

IMPOSSÍVEL

Já nos jardins o tépido perfume
aos poucos se esvaiu, cansado e lento...
Já toda a fúria trágica do vento
se transformou num tímido queixume!

Instante de fugaz recolhimento
Que a min' alma sonâmbula resume...
Já tudo o que foi ânsia, febre e lume
se apagou num magoado esquecimento!...

Das muitas ambições que me arrastaram
quantas pelo caminho se ficaram,
perdidas sombras de perdida escolha!

Hoje, que dolorosa nostalgia!
E, como eu doidamente apetecia,
Voltar de novo o tempo que não volta!

Palavras finais

Espero que os ilustres confrades tenham tido um momento de descontração, de enlevo espiritual, ao ouvirem esta breve “dissecção” do estilo poético mais universalmente conhecido, como é o soneto. Nesta exposição, pela exigüidade do tempo, não foi possível citarmos a poesia de autores não menos famosos, como Arthur Azevedo, Carlos Drumond de Andrade, Carmen Cinira, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Cláudio Manoel da Costa, Coelho Neto, Fagundes Varela, Gregório de Matos Guerra, Machado de Assis e tantos outros.

Muito obrigado pela vossa atenção!

Belém, Novembro de 2010.

Alfredo Pereira da Costa.